

Territórios : Certezas transitórias e escolhas fluidas¹

Eduardo Bianchi²
João Maia³

RESUMO

As relações do sujeito com o território e a expressão de novas e diversas formas de interação faz emergir o vetor de criação na cidade contemporânea. Estamos revitalizando nossas formas de nos colocar e ver o mundo e de nos perceber como sujeitos. São as gavinhas sociais que possibilitam vivenciarmos a criação de um novo corpo social, de uma explosão criativa em diversos setores e de um vitalismo intenso nas relações pessoais. Ouviremos histórias e dividiremos experiências no campo de pesquisa. Estaremos circulando por uma parte do Morro da Mangueira, zona Norte do Rio de Janeiro, para apreendermos a maneira que o homem se relaciona com o território de forma criativa. Assim, sentiremos a ambiência criada pelo grupo de jovens moradores do bairro da Candelária no Morro da Mangueira.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; cidade; território; estilo de vida.

AS GAVINHAS SOCIAIS: UM CORPO EM FORMAÇÃO

Para Maffesoli, os laços sociais são, também, não racionais, estando dentro do campo da espontaneidade, em uma lógica do vivido e de uma dinâmica orgânica. (2009, p.7). Segundo o autor, “o laço social é cada vez mais dominado pelos afetos, construído por um estranho e vigoroso sentimento de pertença” (idem, p. 8). Problematizar os sujeitos em comunhão, suas relações sociais e seus pertencimentos é fundamental para compreender o conceito de sociabilidade na cidade contemporânea.

Os laços sociais são feitos a partir do reconhecimento que o homem tem de elementos culturais compartilhados por outros sujeitos e assim experimentam-se os seus mundos através do afeto e do pertencimento compartilhado.

A experiência compartilhada gera um valor e funciona como vetor de criação. [...] Engloba a totalidade da vida social nas suas diversas modalidades. É a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum (MAFFESOLI, 2009, p. 14).

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Eduardo Bianchi é mestrando da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do Grupo de Pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade. eduardo.bianchi.cs@gmail.com

³ João Maia é Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e líder do Grupo de pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade (UERJ/CNPq). cac_mangueira@hotmail.com

A relação do homem com a natureza perdeu seu caráter, apenas, racionalista, como foi na modernidade. O homem e suas máquinas, dominando os recursos naturais, não são mais a visão de progresso e desenvolvimento. As relações do sujeito com o meio e a necessidade de novas formas de interação faz emergir o valor de criação. Estamos revitalizando nossos modos de nos colocarmos no mundo, de nos percebermos como sujeitos. São as gavinhas sociais que possibilitam vivenciarmos a criação de um novo corpo social, de uma explosão criativa em diversos setores e de um vitalismo intenso nas relações pessoais. Para Maffesoli seria:

O vitalismo postula a existência de uma criatividade popular, uma criatividade do senso comum, mesmo que seja uma criatividade instintiva, que serve de substrato para a diversidade da criação social. [...] Despreza a separação e os processos de distinção e privilegia as correspondências. (2009, p.14-15)

Na cidade contemporânea, as diferenças se perdem em meio aos fragmentos culturais. Nos diferentes estilos de vida e nos fragmentos das culturas urbanas emanam uma vasta produção criativa e que são geradores de laços sociais. A criação desse corpo social contemporâneo é comunicante e suas bases estão em processo de permanente deslocamentos, em um devir dinâmico, motivando a inventividade e a reciclagem de diversas formas comunicacionais.

Para vermos emergir esse sujeito criativo no social procuramos primeiramente circular pela cidade e nos embebedar em sensibilidades multiformes e em compartilhamentos que por vezes causam estranhamento. Ouviremos histórias e dividiremos experiências no campo de pesquisa. Estaremos circulando por uma parte do Morro da Mangueira, zona Norte do Rio de Janeiro, para apreendermos a maneira que o homem se relaciona com o território de forma criativa. Assim, sentiremos a ambiência criada pelo grupo de jovens moradores do bairro da Candelária no Morro da Mangueira. Perceberemos os afetos e desafetos pelo lugar, partilharemos os envolvimentos dos homens com a cidade.

É se percebendo como membro de um determinado grupo que o sujeito constitui suas histórias e constrói suas representações de mundo. Histórias do cotidiano que segundo Maffesoli são:

... pequenas histórias do dia-a-dia: tempo que se cristaliza em espaço. A partir daí, a história de um lugar se torna história pessoal. Por sedimentação, tudo o que é insignificante – rituais, odores ruídos, imagens, construções arquitetônicas – se

transforma no que Nietzsche chamou de “diário figurativo”. Diário que nos ensina o que é preciso dizer, fazer, pensar, amar. Diário que nos ensina “que podemos viver aqui, já que vivemos aqui”. Dessa maneira se forma um “nós” que permite a cada um, olhar para “além da efêmera e extravagante vida individual”, sentir-se “como o espírito da casa, da linguagem, da cidade”. [...] O acento cairá sobre o que é comum a todos, sobre o que é feito para todos, mesmo que seja de maneira macroscópica. “A história que vem de baixo” (1998, p.169-170).

Os espaços onde essas histórias são contadas, compartilhadas e repassadas adiante para outros sujeitos são espaços onde existe uma força de influência e de poder no que é vivido no aqui e agora. São espaços onde o sujeito constrói suas representações e dão sentido ao mundo, onde a imaterialidade, o simbólico ganha força através do imaginário coletivo.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2008, p. 39).

São as representações que os sujeitos fazem dos espaços que, de forma compartilhada, dão a sentido aos grupos. Nos espaços, portanto, passa a se configurar o território, área de poder e influência dos grupos que dele se apropriam.

Segundo Saquet, “O território é produto e condicionante da reprodução da sociedade” (2011, p. 38). Constituir na cidade esses espaços de compartilhamento é territorializa-la. É uma demarcação simbólica através do poder material e imaterial, é domínio, é força, é disputa e é negociação. Os espaços da cidade se fragmentam com os territórios, eles se chocam, se esbarram, crescem e diminuem, são penetrados e são penetrantes, sofrem influências e influenciam a cidade como um todo.

O território é um dos princípios organizadores das cidades. A cidade “contem outras entidades do mesmo gênero: bairros, grupos étnicos, corporações, tribos diversas que vão se organizar em torno de territórios (reais ou simbólicos) e de mitos comuns.” (Maffesoli, 1998, p. 171).

É a multiplicidade de grupos que assegura a unidade da cidade, os grupos mantêm a sociabilidade a partir de jogos de interesses diversos, a cidade está em constante negociação por seus espaços e os grupos buscam territorializa-la. “O território resulta do movimento

constante e concomitante de des-re-territorialização, contendo (i)materialidades do pensamento e dos demais aspectos do *real*. (Saquet, 2011, p. 38)

Os usos do espaço por um determinado grupo e por um determinado tempo, sem deixar de notar certa perenidade da apropriação desse espaço, constitui uma territorialidade, ou seja, o poder do grupo sobre uma área demarcada por ele. São essas apropriações, manifestações e ritos que fazem os sujeitos reconhecerem os lugares por identificação ou, por outro lado, excluindo-os por não reconhecimento como membro.

É nessa perenidade que também se dá a liga ao social. Os grupos são os responsáveis pela memória do lugar através de suas tradições, ritos e histórias. Contudo, a unidade de grupo depende das relações sociais que corroboram para a sua manutenção. É pela memória do cotidiano que faz perdurar a vida da memória coletiva. (Maffesoli, 1998, p. 173)

Vivendo e formando os fragmentos das culturas contemporâneas o sujeito apresenta o movimento celerado da cidade atual, se deslocando pelas redes que compõem a teia do social do nosso tempo. Para Maffesoli, na cidade, “organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que comungam valores minúsculos e, num balé sem fim, chocam-se, atraem-se e repelem-se numa constelação de contornos mal definidos e totalmente fluidos” (2009, p. 18). Sendo essa mobilidade e fluidez a característica essencial da sociedade contemporânea.

Apreciamos as maneiras com que os sujeitos compartilham os espaços da cidade, circulam e são atraídos ao mesmo tempo em que criam repulsas por pessoas e lugares ao longo de seus deslocamentos. O homem cria, assim, mapas, uma cartografia simbólica que marca os lugares que são responsáveis por significações aos sujeitos, não importando se de forma positiva ou negativa. “Esses mapas descrevem a diferenciação espacial dos significados, tendo como suporte teórico o entendimento da cultura como os significados criados e recriados no âmbito da prática de diferentes grupos culturais e sua dinâmica” (Corrêa, 2012, p. 136).

O que irá definir a atração ou a repulsão dos sujeitos durante o processo de mapeamento simbólico da cidade são as sensibilidades. É um reconhecimento dos lugares a partir dos estilos de vida do sujeito junto com o grupo. É um processo de identificação dado pela ambiência partilhada, uma comunicação de reciprocidade entre os membros do grupo. São os códigos linguísticos, as gírias, a apropriação e ressignificação das palavras, os

neologismos criados que dentro do grupo se contextualizam. São as formas de se vestir, de andar, de se apropriar da cultura criando fluxos comunicacionais.

A identificação é um processo que está por vir, que nunca se completa. Constrói-se a partir de perdas e ganhos, das transformações que os sujeitos passam ao longo da vida. Segundo Hall a identificação é:

Nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mai-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o “fechamento de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui. (2004, p.106)

A identificação se faz pela construção simbólica de vínculos entre os sujeitos, que compartilham experiências através de suas vivências cotidianas. É na plenitude narrativa, nesse caso, no complexo sistema subjetivo comunicativo, que os atores sociais modelam seus laços imateriais, laços da sensibilidade em meio ao grupo.

Os sujeitos que se identificam constroem um sistema de grupo, uma unicidade mesmo que temporária a partir da sociabilidade que comporta “uma boa parte de inconsciente não dito, naturalmente, ou de imaginário reivindicado” (Maffesoli, 2007, p. 27). Quando dizemos temporárias, voltamos a afirmar que a identificação não é um estado, mas uma condição, uma construção em constante processo. Ela é uma condição temporária, sem obrigatoriedades, não há um determinismo de imobilidade. A identificação “está fundada na fantasia, na projeção e na idealização” (Hall, 2006, p. 207). Afinal, os sujeitos são fluidos em suas escolhas e transitórios em suas certezas.

TERRITÓRIOS RE-SIGNIFICADOS

A cidade se territorializa e se re-territorializa através dos usos e das formas que os sujeitos manipulam os lugares, através de lutas e disputas. Os sujeitos passam a comungar a partir da sensibilidade e das experiências partilhadas com todos os membros do seu grupo, e, assim, reformulam suas percepções das ambiências dos espaços da cidade.

O sujeito que se sente pertencente a um determinado grupo busca se reconhecer no outro a partir do estilo de vida. Quando circulamos pela cidade buscamos nos outros o nosso próprio reconhecimento e localizamos possíveis referências que nos remetam a um bem estar. Fundamos uma relação com o espaço como ambiente acolhedor.

Qualquer que seja, no caso, o território em questão ou o conteúdo da afeição: interesses culturais, gostos sexuais, cuidados vestimentares, representações religiosas, motivações intelectuais, engajamento político. Podemos multiplicar, à vontade, os fatores de agregação, mas, por outro lado, eles estão circunscritos a partir destes dois pólos que são o espaço e o símbolo (partilha, forma específica de solidariedade, etc.). Isso é o que melhor caracteriza a intensa atividade comunicacional que de múltiplas maneiras serve de nutriente ao que chamo de neotribalismo. (MAFFESOLI, 1998, p. 188).

Comprendemos, segundo Maffesoli, o território como a cristalização de uma espécie de aura. O território com sua ambiência, criada pelos homens a partir das sensibilidades e das relações sociais cotidianas vividas nos lugares. (p.188 – 189). O território, tanto em sua materialidade quanto em seu poder simbólico é a configuração de uma memória compartilhada.

A proxemia simbólica e espacial privilegia o cuidado de deixar seus rastros, quer dizer, de testemunhar sua perenidade. Está é a verdadeira dimensão estética de tal ou qual inscrição espacial: servir de memória coletiva, servir à memória da coletividade que a elaborou. A partir daí, é verdade, essas inscrições podem sofrer análises estéticas *stricto sensu*, neste sentido, se tornam obras da cultura. Mas é preciso não esquecer que elas ultrapassam, e de muito, o que, frequentemente, é apenas uma redução abstrata e intelectual (MAFFESOLI, 1998, p. 190).

A proxemia seria a superação do indivíduo como ser moderno identitário, ou seja, hoje vivemos em uma sociedade que valoriza o sensível, as relações por identificação em um estar junto compartilhado. A nossa modernidade pode ser caracterizada na racionalidade de perceber que não vivemos isoladamente, ou seja, individualmente os processos sociais, mas, sim, em comunhão com outros sujeitos. Territorializamos a cidade como resultado de nossas sociabilidades, das nossas histórias, nossos mitos, nossas experiências e gostos.

Os atores produzem tessituras mais ou menos delimitáveis e territorialidades que se inscrevem nas dinâmicas políticas, econômicas e culturais. As redes, centrais na produção do território, são compreendidas através da complementaridade existente entre a circulação e a comunicação, possibilitando os fluxos materiais e imateriais (SAQUET, 2011, p. 44).

Quando nos encontramos territorializados, ancorados em algum lugar, compartilhamos identificações, nos percebermos em grupo, representamos o mundo de forma coletiva, pelo menos em determinados aspectos. No grupo passa a valer um sentimento coletivo, sentimento de pertencimento que dá sentido e coesão ao mundo ao qual pertencemos.

Esse sentimento seria um estar junto ao grupo, sentir-se membro, compartilhar um estilo de vida. Vivendo em meio a esses fragmentos, os sujeitos têm múltiplas

possibilidades de identificação, são tantos estilos, grupos e culturas que ele tende a investir, seus próprios fragmentos, em tantos quantos possa se sentir membro, tantos quantos possa se ver como pertencente ao grupo. Pertencer a um determinado grupo, não nos impede de fazer parte de outros, não nos territorializa para todo sempre. Como já frisamos anteriormente nossas escolhas, gostos e reconhecimentos podem ser temporários.

Ao nos deslocarmos pela cidade nos deparamos com as “novidades”, moda, arte urbana, ritmos musicais e nos percebermos envolvidos em uma explosão sógnica. Em nosso deslocar pela cidade não estamos necessariamente em busca de algo objetivo e preciso, pois o nosso cotidiano não é marcado o tempo todo por objetividades, nós nos permitimos nos perder. Os desvios, por vezes, são mais interessantes do que as vias principais e lineares. E, portanto, podemos construir novos mapas simbólicos, reconstruir nossa cartografia pela cidade e “cada um pode, igualmente, e num lapso de tempo muito curto, irromper em outro território em outra tribo, em outra ideologia” (Maffesoli, 1998, p. 202).

A cidade contemporânea, fragmentada em um sistema de tribos que disputam e negociam os espaços urbanos, ao demarcarem seus territórios, sofrem invasões, ao mesmo tempo em que são invasoras das auras simbólicas de outras territorialidades. Essas áreas de demarcação entram em choque. Os espaços passam a ser negociados, e seus limites flexionados mesmo que temporariamente. As tribos podem estar exercendo mais poder em um dado espaço, mas isso não quer dizer que assim será para todo o sempre. Na cidade contemporânea o domínio territorial pode ser temporário. As área de influência dos grupos, que vivem nessa cidade mergulhada em tantas culturas, sofrem transformações com o tempo, e, assim, as demarcações territoriais são ressignificadas e um novo traçado se configura.

Os sujeitos que estão dentro desse sistema em rede circulam e traçam seus mapas simbólicos, migram e se deslocam pela rede, mas vale ressaltar que mesmo não tendo uma fixidez e podendo circular pela cidade está presente a necessidade de reconhecimento e, para tal, o sujeito deve passar por um ritual, um processo de aceitação pelos demais membros da tribo. Esse mesmo sujeito, que circula em meio às tribos, apresenta uma origem, uma raiz, seu deslocamento na rede urbana não é às cegas.

O homem contemporâneo busca se perceber por suscetibilidade, em meios aos fragmentos culturais da cidade, identificações que o ajudem a construir ambiências

específicas. Lugar de afeto, onde posso me ver como sujeito, um ator social, um membro do grupo. Maffesoli acredita que esse sujeito busca uma vida mais hedonista (1998, p. 200) e que seu prazer esta no campo da sua escolha, de sua identificação com o grupo e não por um determinismo social prévio. Há, segundo o autor, uma “valorização da vida afetual e a experiência do vivido” (1998, p. 201).

... o não racional não é irracional, ele não se posiciona com relação ao racional, ele aciona uma lógica diferente da lógica que tem prevalecido desde o Iluminismo. Agora se admite cada vez mais que a racionalidade do século XVIII e do século XIX é apenas um dos modelos possíveis da razão que age na vida social, que parâmetros como o afetual ou o simbólico podem ter a sua própria racionalidade. E assim como o não-lógico não é o ilógico, podemos reconhecer que a busca da experiência partilhada, a reunião em torno de um herói epônimo, a comunicação não-verbal e o gestual corporal se apoia numa racionalidade que não deixa de ser eficaz, e que, sob vários aspectos, é mais ampla e, no sentido simples do termo, mais generosa. (Maffesoli, 1998, p. 201)

A racionalidade de nosso tempo é, também, irracional, pois está impregnada de sentimentos. Esses sentimentos que unem, que geram reconhecimento, sociabilizam, provocam sensações, atrações e configuram comunidades, como veremos a seguir.

CONFIGURANDO UMA COMUNIDADE: NOVOS VOCABULÁRIOS

No Morro da Mangueira, mais precisamente na comunidade da Candelária, um grupo de jovens que se auto-denominam “ratos” e “ratas”, usam e se apropriam de diversas formas de comunicação para se projetar no mundo. Esses jovens se colocam na cidade a partir de seus estilos de vida, construindo uma cidadania através da comunicação.

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade (Guiddens, 2002, p. 79).

A forma de narrar um fato qualquer na comunidade é fortemente marcada como meio de comunicação, mas é por sua ressignificação que ela marca o território. Quase que por uma língua própria, muitas vezes indecifrável, podendo ser por novos usos vocabulares, gírias que fazem sentido no contexto do grupo, neologismos. Podemos destacar a apropriação pelo grupo da palavra digno⁴, que em muitos casos de seu uso perde a significação que a norma culta chamaria de correta. Para os ratos, “digno” é tudo o que eles

⁴ Segundo o dicionário <http://www.dicio.com.br/digno/>: Digno: adj. Merecedor: digno de elogios. Apropriado, conforme: filho digno do pai. Honesto, honrado: um homem muito digno.

quiserem, acharem e ou sentirem de maneira positiva para o grupo. A maneira de falar, o vocabulário do lugar, pode ser a qualquer instante ressignificada, apropriada, usada, recriada a partir dos desejos e necessidades desses jovens. O formalismo linguístico dos dicionários com todas as suas normas, regras e diretrizes, perdem seu espaço pela necessidade de comunicação territorializada.

As palavras são recriadas, se seus significados não dão conta da urgência comunicativa, a criatividade o dará, pelo menos, temporariamente. Surgem pelos becos do morro os neologismos com suas acepções criativas. Para diferenciar os amigos, não com caráter hierárquico, mas para demarcação do grupo, ratos e ratas se tratam como “ramigos (as)”. Ramigos são todos os que fazem parte do grupo dos ratos, que se vem como ratos e são reconhecidos como tal. Ser rato é ter um estilo de vida comunicante, é buscar o novo, criar o novo, é perceber as oportunidades e explora-las, é ser astuto, ágio, e determinado, é questionar e se questionar, é ser curioso, é ter uma série de preocupações com a aparência, é mergulhar de cabeça nas emoções e é viver de forma intensa o cotidiano do morro.

Para se diferenciarem dos demais moradores da comunidade, os ratos e as ratas os chamam de “morraicos”. “Morraicos” são todos os não ratos. Os jovens que vivem, segundo os ratos, com o estilo de vida apenas e somente atrelado ao morro. Os morraicos não saem muito do morro. Vestem-se como pessoas do morro, vivem em função do morro, suas experiências estariam limitadas a vida comunitária. Os ratos acreditam que seus estilos de vida são para além do território da candelária. Seus mapas simbólicos rompem os limites da Mangueira, eles se projetam para o mundo, vivem por um enraizamento dinâmico. São mangueirences com muito orgulho, são ainda mais orgulhosos de serem da Candelária, mas isso não os impede de viver e aproveitar tudo o que a cidade do Rio de Janeiro pode lhes oferecer.

Suas raízes estão na Mangueira, suas histórias são contadas a partir da Candelária, mas suas experiências ultrapassam possíveis limites. Os ratos são dinâmicos.

Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir desse lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente. (MAFFESOLI, 2001, p.79)

.....

Não se poderia dizer melhor do enraizamento dinâmico: o espaço é como um fogo que anima, aquece na caminhada, também reconhece o percurso, por isso mesmo designa alhures, um outro lugar. O limite só pode ser compreendido em função da errância, como esta tem necessidade daquele para ser significativa. É aí que a distância, outra maneira de dizer alhures, as distâncias interpostas entre as diversas pessoas entram em uma construção global, da qual os diversos elementos, do mais importante ao mais minúsculo, do mais habitual ao mais estranho, fazem sentido. Construção orgânica que não é plena ou positiva, mas integrante do vazio, do oco, do imaterial, do vento. Sabe-se que o vento, compreendido aqui de um modo metafórico, ri das barreiras, está ao mesmo tempo totalmente presente no espaço por onde passa, mas permanece estranho, portador que é de outros espaços, de onde vem. (idem, p. 84)

Ser um rato ou uma rata é buscar o que não se pode ver, é sentir uma constante necessidade de explorar ao redor e ir além. É buscar inspirações, tendências e ruminá-las, por a prova o mundo e seus limites. Os ratos estão juntos, em comunhão, uma união sem a materialidade de um elo. Estão juntos por se perceberem um nos outros.

O ENRAIZAMENTO DINÂMICO DO TERRITÓRIO

Para fazer parte do grupo dos ratos e ratas, não basta simplesmente querer e se aproximar. Existem os amigos próximos que não são totalmente reconhecidos como ratos ou ratas, mas eles podem circular no mesmo território. Não há um ritual de passagem, mas para a aceitação, o “candidato” a membro do grupo, deve ter uma gama de características subjetivas que venham a condizer com o estilo de vida dos ratos. Um modo de vida, um modo de se vestir, um comportamento sexual desprendimento, sagacidade, fidelidade ao grupo, desprendimento de preconceitos que possam colocar em xeque o estilo de vida do grupo, aceitação e interesse pelo novo, um modo de ver e viver o mundo.

As histórias comuns, os gostos comuns, os rituais e o querer estar junto, dão unidade ao grupo. Existe uma sensibilidade que é partilhada, que é coletiva e que fundamental para a manutenção e existência do grupo. O reconhecimento está no próximo, em uma relação de tátil que se soma aos demais sentidos e ambienta os espaços partilhados, dando-lhe um caráter de lugar de vivência. Há um reconhecimento, um estilo de vida que é determinante para ambientar o grupo. “Investimento afetivo, passional” (Maffesoli, 1998, p. 175).

Mesmo entre os ratos, principalmente entre eles, existem várias facetas, várias máscaras que vão sendo trocadas de acordo com o seu deslocamento pela cidade. Suas identificações com diferentes grupos permitem a esses sujeitos migrarem, ou seja, pode em

um determinado tempo não querer mais fazer parte desse ou daquele grupo. Em alguns casos, isso pode ser muito mais complexo. Quando as raízes são muito profundas, marcas são deixadas nos sujeitos, eles podem querer esconder, eles podem nem mesmo notar, mas elas estão presentes e, vez por outra, podem aflorar sem que eles percebam.

Tradições são inventadas para uma solidariedade orgânica. Invenção fundamental para a manutenção dos laços e a ambiência do lugar em que se vive.

Cada momento fundador tem necessidade de um lugar assim, quer seja sob forma de anamnese, como a dos diversos momentos festivos, quer seja por cissiparidade quando o colono ou o aventureiro leva um pouco da terra natal para servir de fundamento ao que será uma nova cidade. (MAFFESOLI, 1998, p. 180).

A cultura mesmo em transformação está diretamente ligada à tradição. A configuração em algo novo faz parte de um processo que liga o passado ao presente, um enraizamento dinâmico, um laço que se estende e se contrai, moldando-se por suas necessidades na temporalidade dos usos que se faz dos espaços. A cultura tende a ocupar novos espaços, buscar novos horizontes, vai se deparar e se chocar com outras formas culturais, mais fortes ou mais frágeis, mais adaptáveis ou menos adaptáveis ao tempo-espaço. Esses espaços, por sua vez, que são fonte de produção cultural e, ao mesmo tempo, tem suas raízes na tradição, resignificam os usos pela apropriação da cultura que está em constante negociação (tradição e inovação).

“É o caráter local, o enraizamento cotidiano e a expressão do sentimento coletivo. E todas essas coisas estão na ordem da proximidade.” (Maffesoli, 1998, p. 182) Contudo, podemos e devemos estar abertos as inovações, ao espontâneo, às criações cidadãs, que reafirmam a força local e se adapta às transformações do todo que está a volta, ou seja, a novidade, o diferente é uma ratificação da força local na busca de se manter a unidade de grupo.

Referências

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e simbolismo**. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato. Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Betrad Brasil, 2012.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O Mistério da Conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

_____. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1998.

_____. **Sobre o Nomadismo:** vagabundagens pós-modernas, Rio de Janeiro: Record, 2001

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autentica, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma Geografia das territorialidades:** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.